

À Mesa com o Valor - José Luiz Setúbal: Responsabilidade dos ricos será grande nesta crise, diz médico

Ligado ao terceiro setor, o acionista do Itaú rechaça Bolsonaro no combate à covid-19 e se diz surpreso com as doações do empresariado

Por Daniel Salles — Para o Valor, de São Paulo

03/04/2020 05h02 · Atualizado há 11 horas



— Foto: Lula

Como milhares de pessoas, o pediatra José Luiz Egydio Setúbal, de 63 anos, torce para já ter adquirido imunidade ao novo coronavírus. A probabilidade de ter sido infectado é alta. No fim de fevereiro, ele embarcou com a química Sandra Mutarelli, com quem completou 28 anos de casado no dia 4 de março, para uma viagem de duas semanas pela França. Em Paris, eles foram à exposição da fotógrafa Claudia Andujar na Fundação Cartier, visitaram o Museu Picasso, a Basílica de Saint-Denis e a Fundação Louis Vuitton. No Louvre, viram a mostra do pintor Pierre Soulages.

Não depararam com hordas de turistas, mas houve passeios de metrô, trajetos de avião e a longa viagem de trem com início em Bordeaux. No dia 3, assistiram a um show da Madonna no teatro Grand Rex, com capacidade para 2.702 pessoas. Quando pisaram na França, o país registrava cerca de 40 infectados pelo novo coronavírus. Quando embarcaram no voo de volta já eram 1,2 mil. Na segunda-feira passada havia 40 mil contaminados; 7,2 mil recuperados e 2,6 mil mortos. “Estávamos lá bem na época da primeira alta de transmissões”, diz o médico. Desde o dia 11 de março, uma selfie dele e da mulher usando máscaras é a foto de seu perfil no Facebook.

De volta ao Brasil, o casal fez um teste para detectar a doença no hospital Sabará, cujo conselho Setúbal preside. Deu negativo para os dois, que não apresentaram sintomas. “O teste afirmou que não tinha o vírus nas mucosas”, afirma. “Mas só saberia se adquiri anticorpos com um exame sorológico.” Se o organismo do médico debelou a doença sem maiores problemas, caso ele tenha sido infectado, é um mistério. “É provável que eu tenha me contaminado, mas talvez só esteja dizendo isso pelo desejo de já estar imune”, diz. “Mas estou muito tranquilo, todos teremos contato com esse vírus.”



Em razão do isolamento social prescrito por autoridades de saúde por causa da pandemia, Setúbal recebeu a reportagem em sua casa, em Higienópolis — Foto: Sílvia Zamboni/Valor

No entanto, a rotina foi alterada. “Não posso aparecer no hospital, que me expulsam, e meus filhos não querem me ver por enquanto.” Quando aceitou participar deste “À Mesa com o Valor”, antes da pandemia, Setúbal propôs que o restaurante fosse o Carlota, da chef Carla Pernambuco; ou o Ici Bistrô, de Benny Novak; ou o La Frontera, de Ana Maria Massochi. São os três restaurantes em Higienópolis, onde mora, que mais costuma frequentar. Em razão do isolamento social prescrito por autoridades da saúde, o médico preferiu abrir a sua casa para esta entrevista.

Localizado no 13º andar de um prédio a poucas quadras da Fundação Armando Alvares Penteado (Faap), o apartamento onde mora com a mulher é decorado com obras de arte de Adriana Varejão, Vik Muniz, Antonio Dias e Abraham Palatnik, entre outros. Com mais de 600 m² e avaliado em mais de R\$ 7 milhões, a residência permite uma visão esplendorosa do Pacaembu. No dia desta entrevista, o bairro aparentava tranquilidade de longos feriados. No Estádio do Pacaembu, visível da sala de jantar, estava sendo montado um hospital de campanha para atender casos de baixa complexidade da covid-19.

O entrevistado veste camisa azul escuro, calça de sarja cáqui, cinto e sapato marrons e está acompanhado da assessora de comunicação Luciana Munaretti. Para diminuir riscos de propagação do coronavírus, todos usam um protetor de pano nos calçados. Após cumprimentos feitos com

acenos e sorrisos, o pediatra conduz a equipe para a sala de estar e se acomoda em um dos dois sofás. No cômodo ao lado, nos espera uma mesa comprida de madeira com um par de louças portuguesas e um jogo americano para cada uma das oito cadeiras.



“Se tem uma coisa boa nesta crise é a mobilização da sociedade civil. A etapa aguda da crise vai passar mais ou menos rápido, as consequências dela, não. E aí a responsabilidade dos ricos vai ser grande”, afirma Setúbal, sobre a pandemia atual — Foto: Sílvia Zamboni/Valor

“Vejo com muita tristeza, mas faz parte do perfil dele, é uma persona, né?”, diz Setúbal logo no começo da entrevista, sobre o pronunciamento em cadeia nacional do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), na direção oposta às orientações das autoridades de saúde, que pedem a população que respeite a quarentena para prevenir os efeitos catastróficos de uma sobrecarga nos hospitais. “Na área da saúde ele tem uma equipe técnica muito boa, que está tomando as decisões corretas e fazendo as orientações adequadas. Só que o presidente da República deveria dar o exemplo. Cria-se uma dupla mensagem, que deve deixar a população mais humilde bem confusa. Até entendo a angústia com a questão econômica, mas neste momento é preciso ter calma, e ele precisa ser o líder que a nação precisa.”

O pediatra fala pausadamente e baixinho. Em sua conta no Facebook, alimentada com postagens várias vezes ao dia, não há meias palavras. Entre as reportagens compartilhadas está uma sobre o pedido de desculpas do prefeito de Milão pela campanha que veiculou contra o isolamento social no início da pandemia, similar à encomendada pelo Palácio do Planalto, suspensa pela Justiça Federal. “Será que o presidente Bolsonaro virá daqui a dois meses pedir desculpa pelo erro?”, escreveu. “Acho que não, porque graças ao bom senso temos um governador e um prefeito que estão tomando as providências necessárias como mostram as curvas [de contaminação]”, completou, referindo-se aos tucanos João Doria e Bruno Covas.

Religioso, Setúbal adotou o hábito de repostar no Facebook os tuítes do papa Francisco. E como foto de capa de seu perfil na rede social elegeu uma imagem do pontífice na missa rezada na praça São Pedro vazia. Questionar líderes espirituais que relativizam a quarentena também faz parte de sua rotina digital. Entre eles, Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, e Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus.



José Luiz Egydio Setúbal (em pé, ao fundo) com os pais e irmãos — Foto: Arquivo pessoal

Quinto dos sete filhos do banqueiro Olavo Setubal (1923-2008), um dos fundadores do Banco Itaú, ele foi o único dos homens que não seguiu os passos do pai. Paulo Setubal Neto, o mais velho, foi CEO da Itautech, empresa do grupo especializada no desenvolvimento de soluções e serviços de computação, e preside a Duratex, controlada pela mesma holding do Itaú, a Itaúsa. Olavo Egydio Setubal Junior, o terceiro, foi executivo da Duratex, da Itautech e de outras empresas do conglomerado. Roberto Setubal, o quarto filho, exerceu a presidência do Itaú por 22 anos - em 2017, transferiu o cargo para Candido Bracher. Hoje é copresidente do conselho.

O sexto filho, Alfredo Egydio Setubal, é vice-presidente do conselho de administração da Itaúsa. O caçula, Ricardo Egydio Setubal, integra cargos em comitês de empresas do conglomerado; a única filha, a segunda na descendência, é a socióloga Maria Alice Setubal, mais conhecida como Neca, uma das grandes apoiadoras da candidatura de Marina Silva à Presidência em 2014. Quando a irmã cursou ciências sociais na USP, seu pai exercia o cargo de prefeito de São Paulo. O mandato durou de 1975 e 1979 e ele foi nomeado pelo então governador Paulo Egydio Martins, durante o regime militar (1964-1985).

Um dos poucos na família a grafar o último sobrenome com acento, o quinto filho conta que a graduação da irmã não scandalizou o pai. “Divergiam em vários aspectos, mas ele era uma pessoa democrática”, afirma. “Podia não concordar, mas aceitava a diferença, e acho que todos os filhos aprenderam isso, a ouvir o contraditório. Quem pensa diferente sempre te acrescenta algo. Melhor que escutar só quem pensa igual.”





O pediatra com a mulher, Sandra Mutarelli, e os três filhos — Foto: Arquivo pessoal

Ele diz que a união dos irmãos saiu incólume da polarizada eleição de 2018. “A gente conversa numa boa, não tem constrangimento.” Questionado se algum deles votou no candidato vitorioso, o pediatra responde com uma gargalhada: “No Bolsonaro? A maioria”. Embora tenha apoiado Geraldo Alckmin (PSDB) no início, ele digitou o número do João Amoêdo (Novo) no primeiro turno e anulou o voto no segundo.

A família do pediatra é uma das mais ricas do país. Pelas contas da revista “Forbes”, o irmão mais velho tem uma fortuna de US\$ 1,4 bilhão. Quatro anos atrás, a revista estimou o patrimônio de Neca Setubal (R\$ 1 bilhão), Olavo (R\$ 1,26 bilhão), Roberto (R\$ 1,27 bilhão), Alfredo (R\$ 1,23 bilhão) e Ricardo (R\$ 1,24 bilhão). O valor atribuído ao quinto filho é de R\$ 1,18 bilhão. Questionado se a cifra está correta, ele responde depois de uma breve risada. “Bom, eu nem sei qual é meu patrimônio atualmente. Meu patrimônio são ações do Itaú, que não sei quanto valem hoje. Provavelmente isso”, diz, apontando para o chão. “Não me incomodo”, afirma, sobre a queda das bolsas, que pode derreter parte de suas economias.

Da época em que o pai foi prefeito, o que mais Setúbal lembra é a tensão que se seguiu ao assassinato pela ditadura do jornalista Vladimir Herzog (1937-1975), logo no início do mandato. O novo trabalho do banqueiro, no entanto, pouco alterou a rotina da família. Não se compara ao impacto provocado pela morte de Mathilde de Azevedo Setubal, a Tide Setubal (1925-1977). A mãe dos herdeiros do então prefeito não resistiu a um câncer, quando tinha 52 anos. “Era uma pessoa fantástica, impregnou todos os filhos com uma visão social muito grande”, afirma o filho médico. “Ela morreu há mais de 40 anos, quando éramos muito jovens, e ainda é muito presente na família. É curioso.”



José Luiz em meio a protesto de pacientes e estudantes na Santa Casa — Foto: Luiz Carlos Murauskas/Folhapress

No dia 19 de março, ela faria 95 anos. Um dia antes, José Luiz postou uma foto dela no Facebook com o poema “Para Sempre”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Termina assim: “Fosse eu Rei do Mundo, / baixava uma lei: / Mãe não morre nunca, / mãe ficará sempre / junto de seu filho / e ele, velho embora, / será pequenino / feito grão de milho”.

O dia no qual ela nasceu explica o nome do pediatra. Originalmente seria Luiz Carlos, mas Tide acabou dando ouvidos à argumentação de uma freira próxima da família: “Você nasceu no dia de São José e não vai ter nenhum filho com esse nome?”. Em 1979, Olavo casou-se pela segunda vez, com Daisy Salles, que morreu em 2010, aos 92 anos. O banqueiro morreu dois anos antes, aos 85 anos.

Ao explicar por que enveredou pela medicina, ele recorre à resposta que deu na entrevista que o colocou na residência em pediatria no Hospital das Clínicas. Ciente de ter à frente o filho de um banqueiro conhecido, o médico Antranik Manissadjian, o temido chefe dos residentes, quis saber por que José Luiz não optara pela profissão do pai. “Porque as pessoas me interessam mais que os números”, disse. Olavo Setubal adorou a frase e não se cansou de repeti-la para os amigos ao longo da vida. Para o banqueiro, foi graças à sua resposta que o filho foi aceito. “Pena que não vou poder te ajudar na sua carreira”, disse no dia da formatura Olavo ao filho, que estudou medicina na Santa Casa.



Com Michel Temer e Geraldo Alckmin em cerimônia em 2016 — Foto: Arquivo pessoal

Esta entrevista é transferida para a sala de jantar. Sentado de costas para a parede com um painel do artista Eduardo Coimbra, o anfitrião anuncia o que vem da cozinha: salada de alface americana com ovo cozido, pimentões, azeitonas, atum enlatado e filés de anchova em conserva e penne com mussarela de búfala, tomate-cereja, manjericão e queijo parmesão. Como acompanhamento, uma cesta com croissants e fatias de pão italiano, queijo ralado, molho para salada e quatro jarras, com água e sucos. “Recomendo comer a massa primeiro para não esfriar”, propõe Setúbal, que se serve por último.

Entre uma garfada e outra, relembra como deixou de exercer a pediatria para se dedicar à filantropia em tempo integral. A guinada começou no ano 2000, quando aceitou dar aulas de alfabetização para adultos em um programa criado pelo colégio dos filhos, o Vera Cruz. Setúbal é pai da designer e fotógrafa Beatriz e do multi-instrumentista Gabriel, ambos na faixa dos 30 anos, e de Olavo, 25, que trabalha como analista de produto na startup QuintoAndar e está decidido a ingressar no Itaú. “Doei a vida toda, mas pela primeira vez doei meu tempo”, diz o médico sobre a alfabetização voluntária, a que se dedicou por cinco anos. Ele também é patrono do Masp e da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Em 2005, ao se desligar do extinto hospital Evaldo Foz, no Campo Belo, em que trabalhou por 25 anos até chegar a vice-diretor clínico, o pediatra se viu com as manhãs livres. Decidido a não ocupá-las com mais trabalho - as tardes eram dedicadas ao consultório particular -, foi assistir a aulas de filosofia e história da música. À beira dos 50 anos, teve vontade de se aposentar. Foi assim até ceder ao apelo de Neca Setubal para ajudá-la a tirar do papel sua fundação, que milita pela justiça social e pelo desenvolvimento sustentável em periferias urbanas. Fundada em 2006, foi batizada com o nome da mãe, responsável, quando primeira-dama, pela implementação do programa de voluntariado da prefeitura.

Daí para cursar uma pós-graduação em economia da saúde na Unifesp, com o intuito de se informar sobre o SUS, foi um pulo. Também não demorou para que lhe oferecessem a compra do Sabará, então um pronto-socorro voltado para crianças. Funcionava em um prédio de quatro andares em Higienópolis. O negócio foi sugerido pelo irmão Alfredo, que teria dito: “Eu conheço você. Vai ficar seis meses nessa fundação e daí vai encher o saco. Compra o Sabará”. Ciente do interesse do grupo Fleury no pronto-socorro, o pediatra se decidiu pela aquisição em 2005.



amboni/Valor



Cardápio*

Casa do José Luiz Egydio Setúbal

Pão italiano e croissants	1
Salada de alface americana com ovo cozido, pimentão, azeitona, atum enlatado e filé de anchova	1
Penne com mussarela de búfala, tomate-cereja, manjericão e queijo parmesão	1
Kiwi, melão, manga, pêssago, romã, mamão e caqui	1
Sorvete de creme	1
Marrom-glacê	1
Jarra de suco de laranja	1
Jarra de suco de tangerina	1

Jarra de suco de limão	1
Jarra de água	1

* Cortesia do entrevistado

Bateu o martelo no negócio com o intuito de associá-lo a um projeto sobre o qual vinha meditando, a criação da própria entidade de interesse social. “Comprei o Sabará para que desse sustentabilidade a ela.” Em 2010, quando a Fundação José Luiz Egydio Setúbal foi instituída, inaugurou-se a nova sede do hospital, um edifício de 17 andares na avenida Angélica que custou R\$ 90 milhões. O número de atendimentos dobrou, para mais de 100 mil por ano. Em 2017, alcançou-se a marca de cem cirurgias cardíacas e foi realizado o primeiro transplante renal. O faturamento anual, de R\$ 25 milhões na época da compra, saltou para R\$ 360 milhões no ano passado. “Deu muito prejuízo antes de dar resultado.”

Todo lucro é usado para financiar as ações filantrópicas da fundação do pediatra, que para custeá-la criou um fundo de R\$ 150 milhões. A instituição promove ações que visam a melhoria das condições de saúde de crianças e adolescentes vulneráveis. Em 2015, incorporou uma ONG que batalha para diminuir os estigmas associados ao autismo. Três anos antes, criou uma divisão para elaborar pesquisas, o Instituto Pensi, responsável pela residência, pós-graduação e estágios oferecidos no Sabará.

Nestes dias, quem visita o hospital depara na porta com atendentes que têm a missão de perguntar sobre os sintomas da covid-19. Quem tiver manifestado algum deles é isolado em uma sala de triagem. Até a segunda-feira, todos os casos suspeitos haviam sido descartados. “Estamos tranquilos, em criança não é um problema”, diz o presidente do conselho.

LINET Talks: José Luiz Egydio Setúbal - Parte 4



Os nove stents no coração coincidem com a época em que foi provedor da Santa Casa, entre 2015 e 2017. Os três primeiros foram colocados durante a primeira eleição que disputou para o cargo - a entidade vivia o auge de sua crise financeira, com um rombo de R\$ 900 milhões. Ciente do estresse ao qual Setúbal estava submetido, o médico dele achou prudente solicitar um exame de coração, que diagnosticou obstruções. Eleito na segunda tentativa, o pediatra sucedeu o advogado Kalil Rocha Abdalla, que renunciou após denúncias de irregularidades. Os outros stents foram colocados ao longo do mandato.

Há alguns anos, foi apresentado pelo empresário Elie Horn ao The Giving Pledge, do qual o fundador da Cyrela é signatário. Criado por Bill Gates e Warren Buffett, o manifesto convoca pessoas como eles a doar 20% de suas fortunas - deixar como herança não vale. Decididos a criar um movimento similar no Brasil, Horn e Setúbal bateram na porta de empresários com altíssimo poder aquisitivo.

“Procuramos pessoas que já doaram muito, têm fundações, institutos, mas ninguém quis, alegando diversas razões”, conta o médico. “As pessoas não têm orgulho de doar no Brasil, não faz parte da nossa cultura. Têm medo de mostrar que são ricos, o que é uma besteira, e tem a questão da segurança. Criou-se o princípio de que você não deve mostrar o bem que faz.” Prontificou-se a cumprir o que o The Giving Pledge prega quando criou a própria fundação. “Ela corresponde a bem mais do que 20% do meu patrimônio. Doei um hospital, e esse hospital valorizou”, diz. “É um compromisso moral. Ninguém vai checar se cada um doou exatamente 20%.”

Ele se diz surpreso com a onda de doações motivada pela pandemia em curso. Cita os R\$ 25,8 milhões arrecadados pela ONG Comunitas para a compra de 351 respiradores e 121 monitores de UTI, doados para hospitais públicos do Estado, e o montante similar que a XP Investimentos vai destinar a famílias que não terão sustento em tempos de isolamento. Com o mesmo objetivo da corretora, Setúbal vai doar R\$ 1 milhão por meio de sua fundação.

“Se tem uma coisa boa nesta crise é a mobilização da sociedade civil. A etapa aguda da crise vai passar mais ou menos rápido, as consequências dela, não. E aí a responsabilidade dos ricos vai ser grande”, afirma. “Mas os privilegiados não são só os milionários, os bilionários, os trilhários. Falam que rico sou eu, que faço parte de uma faixa de 0,1% do Brasil. Um funcionário meu que ganha R\$ 5,6 mil está entre os 10% mais ricos do país. Então também é privilegiado.”

Que a pandemia vai aumentar a desigualdade, ele não tem dúvida. “Torço para a mentalidade do país mudar. Não é só dar dinheiro, vai muito além disso”, argumenta. “O empresário precisa refletir sobre como toca seu negócio, o governo precisa repensar suas ações sociais, os legisladores devem rever como gastam o dinheiro público.” Setúbal demonstra alguma esperança em relação à política. “Nesta crise vão surgir novas lideranças no Brasil.”

A filantropia, avalia, sairá fortalecida. “Para muita gente, principalmente os mais jovens, tudo precisa ter ou impacto ou resultado financeiro. Filantropia não é isso, e pode acabar se prevalecer esse raciocínio.” Ele cita um exemplo hipotético: a necessidade de criar um remédio para uma doença rara. “O impacto e o resultado desse medicamento será mínimo, pois os pacientes serão pouquíssimos. Então eles que se lixem?”, questiona. “É o pensamento do Bolsonaro e do Roberto Justus: ah, vão morrer só 2 mil pessoas, 2 mil velhos, que já viveram a vida. É uma visão utilitarista”, diz, lembrando a posição de ambos a respeito do isolamento social prescrito para a covid-19. Após receber críticas, o empresário e apresentador de TV admitiu a importância da quarentena.

Na sobremesa é servido um prato com kiwi, melão, manga, pêssego, romã, mamão e caqui em fatias, que disputa atenções com um pote de sorvete de creme e uma travessa de marrom-glacê. A receita desse último, diz o anfitrião, veio de sua personal trainer. “Estou na dúvida”, ele confessa em seguida, antes de se decidir pelo sorvete e pelo doce à base de castanhas.

Ao fim, voltamos ao coronavírus e questões como a ampliação dos leitos para tratar os infectados. “Fico me perguntando sobre quem vai mexer em todos esses respiradores que serão comprados. Enfermeiro de UTI é um profissional altamente capacitado. Por lei, cada um deve cuidar de no máximo 20 leitos”, diz.

“Médico intensivista é um para cada dez leitos. E para doenças respiratórias é preciso ter fisioterapeuta. Médico tem um monte. São capacitados? Não tenho a resposta, mas a dúvida é enorme.” São profissionais, lembra Setúbal, que terão de lidar com dilemas éticos em escala inédita. “Em algum ponto o sistema de saúde não vai aguentar e será preciso escolher”, afirma. “Vamos colocar no respirador o neurocirurgião de 65 anos ou a prostituta de 25? O rico ou o pobre? A sociedade está preparada para isso?”